

# RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

Propriedade da A. A. E.  
(Secção Cultural)

N.º 31  
AVULSO 2500

Editor:  
ARQ.º JERÓNIMO REIS

Composto e Impresso na *Tip. Progresso-Espinho*

Director Interino: ANTÓNIO GAIO

ANO III • 30 DE NOVEMBRO DE 1950

## EDITORIAL

### OS NOSSOS PESCADORES

Os pescadores de Espinho sofrem há já alguns anos uma esmagadora crise moral e económica. Da classe piscatória de outra, consciente e orgulhosa da profissão, viveiro de homens fortes e mulheres sadias, resta um aglomerado de gente bisonha que definha aos poucos na luta desigual com a miséria. As causas do mal não são difíceis de localizar, conhecendo-se os fracos recursos de que dispõem os nossos homens do mar para a pesca e a escassez de peixe que aparece pouco, ora por factores naturais, ora pela acção eficiente das traineiras que, descuidando os direitos dos outros, quase vêm tocar as areias da nossa praia. Com tão magras possibilidades era inevitável a miséria e, com esta, o declínio a queda dos bons costumes.

Só o mar resolveu o seu problema de consciência porque para além do sentimento, da compaixão, realizou uma obra. Destruindo choupanas humildes e miseráveis construiu um bairro admirável, deu uma casa digna aos amigos desgraçados. O sacrificio de alguns frutificou numa bela realidade. O mar principiara; agora, cabia aos homens o resto da tarefa. Cabia aos homens a criação de novas possibilidades para se poder levar a cabo a difícil tarefa da reeducação duma classe, da valorização do nosso pescador.

E os homens cumpriram a primeira metade. A completar o esforço, a acção benéfica que a Cantina Municipal Zulmira Dias vinha cumprindo, inauguraram-se, há poucos dias, as magnificas instalações do Centro de Assistência Social do Bairro de Espinho. Da educação moral, da instrução escolar, da assistência médica e da utilidade dum centro comercial muito há a aguardar. A Igreja e a Escola vão colaborar, assentes em bases sólidas e limpas. Mas os seus esforços terão de falhar, se não cuidarmos da segunda metade da tarefa. É preciso estudar, realizar, garantir o trabalho que se transformará em Pão e Amor. E esse trabalho, nas condições actuais, é insuficiente, como todos sabemos. Uma solução toma vulto, uma aspiração antiga domina-nos - um pequeno porto de pesca seria o húmus que faria florescer a terra árida, que iria criar o campo ideal para as sementes lançadas pelas mãos generosas do professor e do padre.

Não, não somos ingratos. Estamos reconhecidos pela obra grandiosa que o Governo da Nação ergueu na nossa terra, mas receamos que ela não cumpra totalmente e falhem as boas intenções num meio que, a viver como vive, nunca poderá libertar-se da pobreza extrema. Que nos perdoe quem já tanto deu, mas a construção dum pequeno porto de pesca, integrado nas actuais obras de defesa da nossa praia, é de importância vital para os pescadores de Espinho e para o bom êxito do que

Continua na pág. 2

Neste número

Dois sensacionais artigos:

5 minutos com VIVAS e Uma ideia em marcha

## Problemas da Académica Problemas de Espinho

Em boa hora se fez mais uma tentativa — sabe Deus com que temores! — para a instalação duma sede, ao menos sofrível, da Associação Académica. Não eram as experiências anteriores muito animadoras e, por isso mesmo, melhor sabor tem o “êxito” de tal persistência. E falo em “êxito” porque na verdade tenho observado que são muitos os associados que todos os dias visitam a sede. Como não estavamos habituados a ver a “nossa casa” tão assiduamente frequentada, justo é que nos regosijemos, pois, com esta nova fase de vitalidade. Contudo, será bastante considerar apenas essa frequência para que se possa dar por resolvido o problema da sede? Eu creio que não. Como eu, muitos outros sabem que há ainda muito a fazer, ou melhor, que haveria ainda muito a fazer. Mas resignam-se a aceitar a actual situação como optima pois tudo o que fôr além lhes parece utópico. Porque eu não simpatizo com essa maneira de pensar, dirão que perco o meu tempo com fantasias! Talvez tenham razão. Isso não impedirá no entanto que eu tente abordar

o problema como sei, e como entendo que deve ser encarado.

É bem recente ainda a tentativa da formação duma biblioteca na Associação Académica. Com que resultado? Quanto a mim essa tentativa infelizmente fracassou. Ainda não passava duma “pseudo-biblioteca” e já era transferida do primeiro andar para o sótão em benefício da instalação de um bilhar. E, o que é mais triste, é que não se trata de má visão de quem dirige. Trata-se simplesmente da imposição de circunstâncias económicas a que é necessário atender.

Devo dizer no entanto que por ora não se retrocedeu grande coisa. Realmente não existia uma biblioteca mas um amontoado de livros, bastantes deles de muito duvidoso valor literário. Foi o que ofereceram! Eu acredito que todos os ofertantes tiveram a melhor das intenções e ninguém lhes pode levar a mal por não terem apresentado a A. A. com as suas melhores obras. Verdadeiramente de espantar seria que sucedesse o contrário. Mas não

Continua na pág. 7

## UMA IDEIA EM MARCHA COLONIZAÇÃO

Para além dos desportos, da banalidade das conversas de café, dos problemas caseiros, os novos têm ou devem ter preocupações mais largas...

A mocidade tem a natural curiosidade, a avidez de conhecer, num impeto, o mundo que a seus pés de repente surge, na curva mais graciosa iluminada da estrada da vida, a desenrolar todo o panorama deslumbrante, da realidade, colorida de sonho! Essa curiosidade não exprime só o desejo ardente de viver; abrange quase sempre outras modalidades, como a de ser generosa e útil aos seus semelhantes e ao seu País, contribuindo para a felicidade dos que sofrem. A chama do seu entusiasmo contagiante produz clarões da fé, da mesma espécie daqueles que brilham sempre, na alma obstinada dos santos, dos heróis e dos sábios...

Mas, sobre essas razões, outras há que dizem respeito ao caso particular de cada um: a curio-

sidade em saber como resolver melhor o problema, cada vez mais grave, dos que precisam de singrar na vida, de ocupar o seu lugar, num meio hostil, em que a concorrência é cada vez mais brava e cruel, na conquista de empregos, das situações económicas estáveis que dêem a garantia do seu futuro e da família que constituírem... É por isso que, descrentes da velha Europa, muitos põem os olhos confiantes nos mundos novos do Brasil, de Venezuela, na África. É inegável que estes têm toda a razão! No nosso País, há um excesso demográfico anual de cem mil pessoas, em média e a longevidade humana altrapassa também, em média, os 60 anos de idade. Os novos compreendem que é preciso partir para terras novas, mais ricas, onde haja menos concorrência a procurar o húmus que lhes falta, porque se exauriu, na Europa cansada e enferma.

Continua na pág. 5



Por CARVALHO VAZ

**Melodias Fantásticas** — de Walt Disney. E', quanto a nós, o expoente máximo da cor e do ritmo. Se não fosse o facto daquele Artista—com «A» muito grande—estar consagrado há muito tempo, diríamos que ele atingiu o ponto mais alto da sua carreira; e desse ponto só para... o Olimpo! Walt Disney é um poeta. Aquele seu elogio à árvore é um poema autêntico, um poema fantástico e inédito, um deleite profundamente espiritual e estético. A sua fantasia criadora surge-nos nos quadros do «Bumble-Boogie», e do Samba. O seu espírito inconfundível, no «Aptinho» e na história lendária de «Pecos Bill», o mais temido cowboy de todo o Texas. As suas agradáveis narrativas, na história notável de Johnny Appreseed. Leitor amigo: este é o filme do momento.

\*

Os escândalos sensacionais sempre foram coisa corrente, banal, e até *modus vivendi* de muita gente, na cidade de Hollywood, capital da indústria mais consumidora de emoções que há na história do Mundo. Mas agora parece que se atingiu um ponto tal, com a crescente subida dessa má reputação, que é um autêntico beco sem saída, e as revistas da especialidade dedicam largas páginas aos tratos de polé que esta respeitável companhia «Moral & Preconceito, Ltda.» está sofrendo na Meca do Cinema.

Existe nessa cidade há uma vintena de anos uma organização *self-censoring*, fundada por Will Hays, hoje sob a direcção de Eric Johnston, tendente a não permitir certos abusos e escândalos que prejudiquem de forma sensível a sua já fraca reputação. Mas, com censura ou não, o caso é que... Bom, sugere-nos citar o realíssimo e racial romance de Rita Hayworth, as fugas constantes e audaciosas de Errol Flynn, a *stromboliesca* da ex-santa Ingrid, o *desarranjo* mental que culminou com tentativas de suicídio de Judy Garland, os traficantes de ópio e Robert Mitchum, e assim sucessivamente para não aumentarmos a paginação do nosso jornal...

No dizer do conhecido editor americano, casos assim dariam óptimo material para sermões dominicais e até para inquéritos do Congresso dos Estados Unidos. Aliás este último deu-se; e o senhor Jackson, a instâncias do senador Johnson foi de abalada até Hollywood para estudar a moral daquelas bandas, e o que todos menos esperavam sucedeu: regressou a Washington de mãos vazias.

Perguntam emocionadíssimos, os editores das revistas de Hollywood: na verdade, o que se passa? São factos ou pura fantasia? Será a capital do cinema o que de facto lhe apon-

ERSATZ diz...

## Como perder o medo de voar

Monte Branco, 12—Um avião «Constellation» K. L. M. despenhou-se hoje sobre esta região, devido a causas ignoradas. Todos os seus ocupantes pereceram.— (Agência E... HAVAS)

Foram centenas de notícias como esta que despertaram em todo o Mundo um sentimento latente de pavor pela locomoção aérea. De cada cem pessoas que hoje em dia pretendam viajar, noventa e nove preferem a via terrestre, marítima, submarina, ou qualquer outra e só em último extremo recorrem às Companhias aéreas.

Pois bem, leitor amigo, é chegado o momento de pôr termo a tal estado de coisas. Basta seguir à risca os meus judiciosos conselhos, que, deste modo, estará nas nossas mãos remediar, pelo menos em parte, as consequências funestas de um acidente desta natureza.

Não utilize uma Companhia qualquer. Siga o nosso conselho e voe só nos aviões da Transcontinental D. D. T. recentemente fundada.

Providos de tudo o que é usual e comum nos outros aviões, possuem ainda, para regalo dos passageiros, um «turfe» para corridas de cavalos, um rio artificial (com cachoeiras e tudo) para a prática dos desportos náuticos e uma floresta virgem com animais ferozes para os adeptos de emoções fortes. Já não falo, é claro, numa piscina de água salgada, com pranchas de saltos, a partir dos 10 metros, autómatos perfei-

tíssimos, especialmente treinados para jogar o «poker» com os srs. passageiros que viagem sòzinhos; tão perfeitos, tão perfeitos, que até são capazes de lhe «passar» o estafado conto da máquina de fazer notas falsas e esconder na manga as cartas do poker.

Nunca embarque num avião que empregue atraentes aeromoças, para velar pelo conforto dos passageiros. Mais de 90% dos desastres devem-se a distrações dos pilotos quando as aeromoças se baixam para apanhar uma malha que fugiu (Honny soit qui mal y pense...). É preferível, sempre que se possa, embarcar num avião, onde as aeromoças sejam velhas carcaças a pedir reforma, ou então antigos lutadores de luta livre.

Se o desastre se dá:

a) por choque com algum obstáculo (montanha, arranha-céus, etc.) nada se pode fazer, leitor amigo. É caso perdido.

b) Se porém houve um enguiço no motor ou qualquer coisa no género e o aparelho se despenha, aí de uns dez mil metros, por exemplo, tome bem nota do que o senhor deve providenciar imediatamente:

1—5.000 metros—feche imediatamente todas as janelas.

Assim evitará as funestas consequências das correntes de ar. (Segundo as últimas estatísticas falecem anualmente nos E. U. 2.000.000 de pessoas, vitimadas por correntes de ar.)

2—3.000 metros—faça ime-

Continua na pág. 7

## Os nossos Pescadores

Continuado na pág. 1

já está realizado. Dissemos do valor do porto de pesca para os homens do mar, mas não podemos esquecer a sua influência na economia desta terra pobre de recursos materiais, sempre com o pesadelo dum orçamento mesquinho quando tenta dar mais um passo em frente.

Confiamos na boa compreensão das intenções aqui expressas sem a intenção de criticar, procurando sòmente contribuir para a boa solução dum problema delicado e de grande interesse para Espinho. Demonstrámos a utilidade, a necessidade imperiosa dum pequeno porto de pesca, analisando as condições de vida dos nossos pescadores. Cabe aos homens bons de Espinho a missão, o dever de, após estudo cuidadoso, fazer sentir ao Governo esta aspiração de tão grandioso alcance.

Diante um belo Bairro Piscatório com um magnífico Centro de Assistência Social e diante a miséria que atrofia esses pobres seres que percorrem as ruas da nossa terra, agravando o problema da mendicidade, temos um caso de consciência a resolver.

Sejamos sinceros.

António Galo

tam, será melhor ou pior ainda? Os factos citados caracterizam bem as estrelas, são regra geral ou apenas meras excepções? De um lado, ataques violentos, do outro, defesa cerrada: donde está a razão? Bem, a nossa opinião é... bem, é..., é melhor ficar para outra vez!

## Do Dia a Dia...

### Aniversário do S. C. de Espinho

O «velho» Sporting tem 36 anos de existência. Não podia passar despercebida a data, o sinal de mais um passo num caminho cheio de boas vontades, de sacrifícios, duma vida salpicada de saudades e alegrias, dum querer orgulhoso do passado e confiante no futuro.

E a festa fez-se. Reuniram-se num jantar de confraternização os associados amigos, que viveram algumas horas de exaltação e de fé clubista. Foram intérpretes do «sentir», do entusiasmo dos homens que, incitando e amando o Sporting, servem Espinho, os seguintes oradores: Dr. António Nunes das Neves—presidente do S. C. E., Joaquim Moreira, Alberto Couto, Abade de Anta, Joaquim Pinto Ribeiro e Jerónimo Reis em nome da Ass. Académica.

No final da festa usou da palavra o sr. Frederico Alcoforado, Presidente da Câmara, que vincou a sua posição dentro do desporto local e afirmou a vontade, o carinho do Município por tudo que esteja ligado com a educação física e o bom nome dos filhos de Espinho. Terminou pedindo a presença, na Câmara dos representantes dos dois clubes locais para o estudo dos problemas desportivos da nossa terra.

### Centro de Assistência Social

Foi inaugurado, no passado dia 26, pelos senhores Ministro da Marinha e das Corporações o Centro de Assistência Social do Bairro Piscatório de Espinho. Composto por uma capela, uma escola, um posto médico e uma creche, o novo centro social vai prestar enormes serviços aos pescadores, procurando apagar um presente cheio de «chagas» e construir um futuro melhor. Espinho contraiu uma dívida de gratidão para com os homens bons que tornaram possível tal obra.

Saibamos agradecer com o nosso reconhecimento o carinho e a amizade que nos dedicaram.

### Amigos do «Rumo»

Não foram poucos os amigos que manifestaram a sua alegria pelo reaparecimento do nosso jornal.

Não podemos deixar de salientar as palavras entusiastas de Jofeta, correspondente de Espinho no Correio da Feira, bem assim como as de Vasco Luís, colaborador do mesmo jornal.

A todos queremos agradecer com a promessa de que continuaremos a trabalhar com o melhor das nossas possibilidades por uma Académica melhor e por um Espinho maior.

## MARK TWAIN

Continuado da pág. 8

dou o leite, sempre assistido pela enfermeira que mais desejaria ter, e curando um ferimento que não tinha.

O cometa de Halley foi visto no céu na noite em que Mark Twain nasceu. Volta de setenta e cinco em setenta e cinco anos, e um grande desejo de Mark Twain era viver até ao seu reaparecimento.

Numa noite de 1910 voltou o cometa, iluminando o céu. Tinha-se cumprido o desejo do rapazinho traquina daquela aldeia nas margens do Mississipi.

E, nessa noite, Mark Twain morreu.

V. H.

RUMO

Boletim da Associação Académica de Espinho

Fundador: HIGINO A. PIRES • Administrador: F. DE PINA CABRAL  
Redactores: VICTOR HUGO MARTINS • HERNANI BARROSA



ENTRADA EM CAMPO

## AS EQUIPAS E O PÚBLICO

Os desportos que gosam de maior popularidade enfermam de um grave mal, qual seja o da influência perniciosa que sobre o seu desenvolvimento pode representar o modo de agir das multidões que habitualmente recheiam os recintos.

O público desportivo, tal como todas as multidões, é des-norteante, pelas atitudes totalmente antagónicas que toma, consoante as circunstâncias do momento. O clubismo desenfreado gera desvios de julgamento, paixões descontroladas, parcialismos doentios, que se reflectem notoriamente no comportamento dos atletas.

A infalibilidade dos inúmeros teóricos que parasitam nos nossos campos de jogos, o dogmatismo das opiniões individuais, a estulta pretensão de saber de tudo como ninguém, ocasionam desorientação natural nos praticantes dessas modalidades. O atleta, que tem contra si o nervosismo originado pelo próprio facto da competição, ouve, de todos os lados, os incitamentos mais dispares e, muito humanamente, enerva-se. Este insulta-o, aquele verbera-lhe as atitudes, aquéloutro aplaude-o, um diz-lhe que faça isto enquanto o parceiro do lado lhe aconselha precisamente o contrário. De facto, é necessário que se tenha os ouvidos fortemente tapados, os olhos aptos a ignorar o que se passa fora do terreno de jogo, e um sistema de nervos excepcionalmente equilibrado para poder suportar-se este ambiente. Em ocasiões de exaltação, a fúria selvagem da multidão só pode ser sustida pela serenidade exemplar dos atletas.

Por isso admiramos os que sabem ser superiores a si mesmos, enfrentando com galhardia e elegância os hysterismos de um público que lhes é adverso. Por isso, louvamos a atitude dos rapazes do Paço d'Arcos, que souberam, ao terminar o seu último jogo do Nacional de Oquei em Patins deste ano, cumprimentar, com toda a correcção e desportivismo, o público lisboeta que, furiosa e constantemente, os apupara durante as suas exhibições. Estas atitudes dignificam quem as pratica e fazem-nos pensar na necessidade absoluta que há de os assistentes manterem todo o aprumo e compostura, evitando assim a repetição de tristes espectáculos de falta de educação e civismo, verificados com tal frequência que já constituem praga.

C.

## Oquei em Patins Oquei em Campo

A Académica findou a Via Sacra que para ela foi o Nacional deste ano. O termo do Campeonato chegou sem que conhecesse outro resultado que não fôsse a derrota, o que lhe permitiu, no dizer dos bem humorados, o título de «a equipa mais regular». A falta de Abel Santiago foi notória mas quer-nos parecer que esta tecla está a ser ferida com demasiada frequência, constituindo a permanente desculpa para os insucessos da equipa. Santiago não pode ser eterno e há necessidade absoluta de procurar «fazer» substituto que, na impossibilidade de cumprir com total agrado a sua missão, possa ao menos, destruir a impressão pouco agradável que as exhibições do grupo fornecem quando o Abel está ausente. Sem dúvida, há grande dificuldade, mas, se outros problemas quanto aos lugares da equipa se resolverem satisfatoriamente, porque não crer numa solução?

As exhibições da Académica em Lisboa foram relativamente boas, salientando-se em todos os jogadores uma esforçada boa vontade que o público lisboeta soube reconhecer com justiça. Os atletas viram-se em sérias dificuldades para se equilibrar num piso que estranharam, habituados como estão ao cimento e aos tabiques desconjuntados do Palácio de Cristal. O maior poder dos adversários, recheados de bons valores individuais e possuidores de bom sentido de conjunto, permitiram-lhes a natural superioridade sobre a inexperiência dos nossos representantes, que tiveram o seu melhor jogo contra o Paço d'Arcos, este ano em muito má forma. No nosso fraco entender, cremos que talvez fôsse preferível ter mantido Carvalhas no posto de defesa, dado que de antemão se sabia da pouca capacidade produtora dos dianteiros. Assim, pelo menos, a linha atrasada poderia fazer valer os seus méritos dando

Esperava-se o início do Campeonato para o mês que hoje finda. Todavia, por dúvidas suscitadas, mercê da fundação do organismo federativo que passou a superintender no oquei em campo português, tem-se arrastado a decisão da Associação Portuguesa, com notório prejuízo para os clubs. Pelo menos, um mês já lá vai, perdido na voragem do tempo, prolongando a inactividade, mercê de uma inércia incompreensível. Porque, a exemplo do que fazem os lisboetas, se não arranhou um Torneio de Abertura que desse oportunidade aos praticantes do oquei para medir forças e preparar para a disputa do Regional, sempre renhido e difícil? Será preferível este marasmo? Não sabemos o que pensam os dirigentes associativos, mas não deixamos de manifestar nestas colunas, muito lealmente, a nossa censura por esta abulia injustificada. Oxalá esta atitude não seja o prelúdio do habitual e crónico mau trabalho associativo que, de há muitos anos para cá, vem atrofiando o desenvolvimento do oquei em campo.

oportunidade para que Gato não fôsse tantas vezes desfeitoado.

Chegou o defeso, mas isso não deverá significar paragem de esforços, pois nova época se sucederá. Torna-se necessário compreensão e boa vontade de todos, o que permitirá, se houver boa orientação e entusiasmo, que a Académica continue a marcar posição destacada no oquei patinado norte-nho.

LEIA + ASSINE + PROPAGUE

R U M O

ENTREVISTANDO...

## 5 MINUTOS (COM VIVAS)



— JOSÉ VIVAS —

O correcto futebolista do Sporting local, Vivas, vai ter no dia 1 de Dezembro a sua mais que justa festa de homenagem à qual, estamos certos, não faltarão os inúmeros adeptos do popularríssimo desporto, que há tantos anos o admiram e aplaudem. Aproveitando a oportunidade desta festa, quiz o «Rumo» entrevistá-lo, no intuito de tornar conhecido do público espinhense o que foi a sua actividade desportiva e o que pensa ele acerca de alguns dos problemas do futebol local. Abordado por nós, acedeu amavelmente ao que lhe pedimos, não obstante não ser muito das suas simpatias esta coisa de entrevistas. Combinado o lugar e data do encontro, defrontaram-se em amigoso diálogo o escrevinhador desta página e o popular Vivas.

Não demorámos em fazer a primeira pergunta:

— «Há quantos anos começou a jogar?»

— «Já lá vão 16 anos desde que dei, nos infantis do Sporting de Espinho, os primeiros pontapés, com a idade de 14 anos, subindo imediatamente para as categorias superiores, pois aos 15 anos já alinhava na 1.ª categoria».

Esta afirmação fez-nos pensar, insensivelmente, no que se passa nos nossos tempos, criando impedimentos crueis para o desenvolvimento do desporto, com barreiras exagerantes de idades. Hoje começa-se a jogar quando se deveria estar já totalmente preparado.

— «Recebeu convites de outros clubs, não é verdade? Porque preferiu o Sporting de Espinho?»

— O Sporting de Portugal, o F. C. do Porto, o Académico e a CUF interessaram-se por mim, mas neguei-me sempre, embora nesse tempo me encontrasse em precárias circunstâncias financeiras, pois tinha grande amor ao Sporting e custar-me-ia deixá-lo».

— «Vivas, já que é tradicional, pode dizer-se qual o momento mais feliz e qual o mais amargo dos seus 16 anos de futebol?»

— «O desafio de que tenho mais gratas recordações foi disputado em S. João da Madeira, contra o Ovarense, contando para a Taça de Portugal. Ao intervalo, perdíamos por 3-0. Pois conseguimos, após um doloroso prolongamento de meia hora, vencer por 5-4, resultado que teve o maior obreiro em Alexandre Reis. O pior momento para mim foi no Campo da Avenida quando fomos batidos pelo Lamas, por um «goal» solitário, num desafio de carácter decisivo para o Campeonato de Aveiro».

Vivas não é um homem velho

para o futebol e, por isso, lhe perguntámos:

— «Deixaria de prestar os seus serviços ao Sporting se não fossem os motivos de ordem profissional que o obrigam a retirar para a Venezuela?»

— «Não. Só quando da minha saída de Portugal é que deixarei de prestar o meu concurso ao Espinho. Apesar dos meus 16 anos de futebol e dos 31 de idade, aguentar-me-ia mais uma época».

Cinco lustros de actividade desportiva significam o conhecimento de muitos treinadores e de muitos jogadores. Por isso perguntámos a Vivas quais, de entre os orientadores que teve, colegas de equipa e adversários com quem jogou, lhe mereciam mais consideração, pelo seu saber, comportamento e qualidades como futebolistas.

A resposta, sincera e honesta, veio rapidamente:

— «De todos os treinadores que tive, três me merecem especial consideração: Alexandre Reis, Domingos de Oliveira e Cesar Ferreira. Dos colegas de equipa saliento o meu velho colega Olímpio Reis e Artur Veríssimo, sem desprimor para qualquer outro, pois de todos sou amigo e todos me merecem consideração. Quanto aos adversários, admiro os que sabem comportar-se correctamente em jogo».

— «Diga-nos qual a sua opinião sobre o valor da actual equipa do S. C. E.?»

— «Vale o que tem valido de há três anos para cá. O ponto forte é a linha de defesa. A linha avançada, com valores individuais indiscutivelmente bons, não encontrou ainda, no seu conjunto, a melhor maneira para actuar».

— «Que prevê quanto à classificação na II Divisão?»

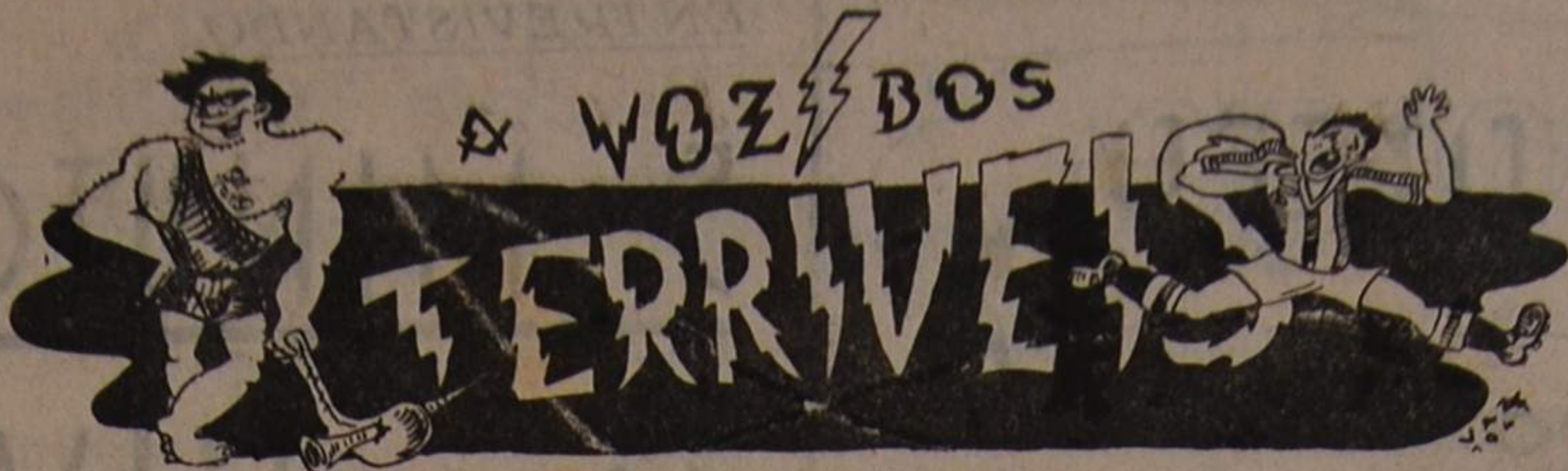
— «Considero possível uma boa classificação, tanto mais que confio nas reais possibilidades dos meus colegas. Apelo para que eles mantenham a máxima correcção dentro do campo evitando assim atritos que possam prejudicar-nos na respectiva classificação».

Lembramo-nos agora do enciclopedismo do público espinhense, certo de tudo saber sobre os segredos do labirinto futebolístico, dogmático nos seus conceitos sobre a técnica e a tática, de uma omnisciência tirânica, e perguntámos a Vivas a opinião que sobre ele formulava.

— «Sabe,» — respondeu-nos — «para mim o público de Espinho é igual a todos os outros. Aborrece-se quando perdemos e, está claro, no caso de vitória... é uma alegria. Afinal, os pontos fortes e fracos de todos os públicos.»

Continua na pág. 4

## Mólho Vareiro



### Espertos...

Um quadro a lembrar...: Um grupo de meninas, crianças alegres entregues a nobre missão, aborda um cavaleiro e pede um donativo para ajuda da luta contra o Cancro. O senhor respeitável carrega o sobreceño, acende iras nos olhos aumentados pelos óculos e grita-lhes quase com desespero que elas não andam a pedir para a cura do Cancro mas sim para algumas pessoas que as enganam. As crianças esbogatam os olhos de espanto e ficam tristes a olhar aquele senhor que se afasta em passos enérgicos e bem ritmados...

Sabemos que ainda não foi desta vez que a dúvida entrou nos pequenos corações que palpitam num mundo ainda alegre e bondoso, pois palavras carinhosas apagaram a recordação duns óculos irados apoiando asneiras maldosas.

Fixamos o quadro e um papel estúpido numa cena ridícula, porque conhecemos mais actores da mesma força.

Neste caso, trata-se de um «doente» que sonha curas com a ajuda da água simples, banhos de terra e outros processos cómicos, e que se calhar também cura o Cancro com uns litros de água fria e uns quilos de barro. Temos, portanto, um caso de indignação diante a concorrência desleal e a ignorância perdulária. No entanto, se se tolera a mania, não acontece o mesmo quando, esquecendo as responsabilidades da posição social que ocupa, pode contribuir para desnortear espíritos jovens em formação.

Se este senhor fosse aluno merecia de castigo umas orelhas enormes de burro e umas horas bem puxadas de joelhos.

Noutros casos e com actores diferentes deparamos com atitudes superiores a quaisquer movimentos beneficentes ou de utilidade pública. Para estes, todos os peditórios são uma roubalheira e as pessoas que deles tratam não passam de malandros que descuidam as suas ocupações ou nada teem que fazer. Eles, os espertos, não caem facilmente porque o dinheiro custa muito a ganhar e não sustentam preguiçosos.

Os pobres são pobres porque teem de o ser, os doentes não teem direito à vida, as instituições não servem para nada, enfim um rol enorme de razões de peso. O que conta sou eu, eu, eu e eu e o resto são histórias.

Esquecem que num instante o «eu» abandona a carcaça, desaparecendo no rodar incansável dos tempos e o que fica, o que resiste é o amor, a bondade, a ânsia, a luta por um mundo melhor.

Nascem, crescem e vivem como uns bichos espertos que podem usar casaca e cartola e sabem jogar dominó...

### Custa Perder...

A derrota é difícil, enche-nos dum sabor amargo. O desespero toca, faz vibrar pequenos fios, muitas cordas numa alteração grande, num som que se desfaz em raiva, fumo negro no ar limpo. Fumo que se faz em cordas, amarras em porto inseguro, fumo que se multiplica em linhas finas e traiçoeiras capazes de um enredo, dum novelo intrincado cheio de nós arrevezados e difíceis. E os novelos embaraçados são sempre um estorvo.

O desportivismo, o saber perder é muito lindo mas só serve para enfeitar mandamentos ou para «estrumar» longos arrazoados de doutrina.

Na realidade, perder uma posição, cair do pedestal custa muito. E quando se cai por falta de pernas, quando as bases já estão podres, esboroam-se os degraus para uma nova escalada ao sol e de olhos claros e firmes. Para os despeitados e teimosos decrépitos restam caminhos tortuosos e sombrios. Começa a tarefa de toupeira, minando alicerces e devastando raízes, envenenando intenções e destruindo nomes. A esperança na reconquista da vitória está no trabalho subterrâneo e na atmosfera sombria cheia de fumo que se multiplica em linhas...

O pior é se aparece mão segura que saiba destruir caminhos de toupeira e vento forte que afaste as nuvens de fumo, simplificando novelos embaraçados...

Mas, para além do não se saber perder, está o grande mal de esquecer o prejuízo que se pode causar com o orgulho e a vaidade.

## MARÉS VIVAS

### Pobres pintores... de tristes pinturas!!

Espinho tem, como é evidente, o seu «panorama», a sua «paisagem». O Rumo integra-se, como pormenor, no horizonte local matizando o colorido, e dando, corpo aos cambiantes pictóricos de Espinho. Todavia, nem todos os pintores dão à paisagem a interpretação correcta.

E assim sucedeu uma vez mais. O pormenor que Rumo representa na paisagem local foi há tempos abordado por ridículos arremedos da escola «picassiana» que pretensiosamente mancharam as suas telas de cores desequilibradas e desconexas, cuidando no fim terem produzido obra genial.

Para dar aspecto e criar ambiente não se furtaram os mentecaptos ao amarelo-verde, bilioso, usando, e abusando também, do «vermelho» pastoso, cómodo e fácil para tirar partido, numa vertigem de tintas fortes para encobrir a «verdade» da paisagem... que lhes era agreste.

O «quadro» foi exposto. O público viu... e riu. Os conhecedores, um pouco mais atentos, mandaram retirar pressurosamente o «mamarracho», como ofensivo à arte, por desconhecimento absoluto do empaste de tintas... sumamente agravado por carência do esbatido indispensável.

E eles, pobres pintores de tristes pinturas, lá estão acocorados no campo dos inúteis cretinos-glorificados, que, como as crisálidas, apenas duram o tempo preciso para a metamorfose.

E, como não podia deixar de ser, ei-los em queda vertiginosa para a sua insignificância original, donde, para bem da arte, nunca deviam ter saído.

Gino Sérpi

## 5 minutos com Vivas

Continuado da pág 3

A conversa estava a alongar-se demasiado e decidimos pôr-lhe ponto final.

«Não queremos massá-lo mais. Aquilo que mais queríamos perguntar-lhe, já o fizemos. Deseja dizer mais alguma coisa?»

—«Desejo dirigir uma saudação especial à Académica de Espinho e a todos os clubes e jogadores que colaboram na minha festa, assim como o meu agradecimento à direcção do S. C. de Espinho, de cujos membros saliento os senhores Dr. Neves, Marcelino Duarte e João Barata, que fizeram grande pressão para que a minha festa fosse uma realidade. Pela maneira como me auxiliaram, quero destacar, entre outros, os senhores Joaquim Moreira, Alexandre Reis, Carlos Xabregas, Mário Almeida (sobri-

nhos) e Artur Veríssimo.»

Satisfeita a nossa curiosidade jornalística, despedimo-nos com um «muito obrigado», deixando que Vivas pudesse entregar-se à afanosa tarefa de dar a última demão nos preparativos para a sua festa. E ficámos a lamentar a sua retirada que nos inibirá de vê-lo sempre generoso nos esforços, hábil no manejo da bola, correcto no comportamento com os adversários, dispendendo energias sem conta na defesa das cores branco-negras da sua única camisola, que soube envergar com orgulho e galhardia durante 16 anos de actividade. Pela nossa parte, lá estaremos no Campo da Avenida, no 1.º dia de Dezembro, a aplaudir e a colaborar nesta homenagem que é das mais justas que se têm realizado.

Côca da Mata

## Galeria de Figuras

II



Fofo, quente, amoroso,  
Julgou-se um poço sem fundo,  
Julgou-se o melhor do mundo  
Quando driblava, a jogar...  
Fundador de Associações,  
Bateu-se pela Académica,  
E por ela ergueu polémica  
Até seus fins alcançar!

Quem é? Ninguém adivinha?  
— Pois no «Jornal da Caserna»  
Dizem que é «carne de perna»,  
Que é um bom «Pires voador!»  
— Já foi... e agora não é!...  
No entanto, com nobre aprumo,  
Ao Rumo soube dar rumo  
Este senhor director!...

Lé Pacato

## UMA IDEIA EM MARCHA

## Colonização

Continuado na pág. 1

Todos sabemos que, dentro do Império Colonial Português, há extensões enormes de terrenos, de clima saudável, produtivos, próprios para serem habitados pela raça branca, que serão o futuro da Nação. Conhecemos os esforços que têm sido feitos, pelos Governos do Estado Novo, no sentido de se resolver o problema do povoamento de Angola e de Moçambique e as dificuldades quase invencíveis encontradas nessa resolução. Alegrou-nos por isso ouvir falar na existência da Liga de Auxílio aos Colonos em África (L. A. C. A.) e dum grande plano de povoamento de Angola e de Moçambique e tivemos o maior interesse em colher informações seguras a esse respeito, para elucidar os leitores do Rumo.

Não nos foi difícil realizar o nosso intento. O organizador da Liga de Auxílio aos Colonos em África (L. A. C. A.) é o Dr. F. B., nosso conhecido e amigo. Não lhe pedimos uma entrevista porque se recusaria a isso. Consentiu amavelmente em ser, durante alguns minutos, alvo das nossas perguntas.

O diálogo estabeleceu-se pois, sem o convencionalismo, despido do cenário solene e ridículo das entrevistas, em que há sempre a nota do postigo e num de entusiasmo e de sinceridade amiga.

— Diga-nos, Dr., o que é a Liga de Auxílio aos Colonos em África (L. A. C. A.), em que temos ouvido falar, com insistência?

— A Liga é por enquanto uma associação em organização, de carácter mutualista... A actividade de quem a está a organizar limita-se à tarefa ingrata de fazer a propaganda dos seus princípios e de saber quais as pessoas que por ela se interessam, pretendendo ser seus sócios. Digo tarefa ingrata porque, dentro do País, infelizmente, por ignorância ou por má fé, quase tudo se deturpa — disse com certa amargura.

— Compreendemos bem o alcance das suas palavras...

— De maneira que a Liga está num período activo de propaganda e de consultas. Primeiramente, consultou o Governo da Nação sobre os meus projectos e a sua oportunidade, a fim de saber de antemão quais as facilidades que o Estado lhes daria. A opinião favorável do Governo e as facilidades concedidas constam de vários despachos proferidos por Sua Excelência o Senhor Ministro das Colónias. Em segundo lugar, foram consultadas milhares e milhares de pessoas e muitas empresas industriais e comerciais, sobre o interesse que lhes merecia a Liga. Até hoje alguns milhares de portugueses de todas categorias sociais se manifestaram no sentido de pertencer ser seu sócio.

— Qual é o objectivo da Associação?

— Auxiliar todos os que pretendem obter trabalho em Angola ou Moçambique, sejam engenheiros, médicos, agrónomos, empregados técnicos, professores, operários de construção civil, trabalhadores, de todas as indústrias ou rurais.

— Sabemos que há grandes dificuldades em conseguir trabalho em Angola e em Moçambique... A Liga consegue trabalho para todos os seus sócios?

— Evidentemente. Um dos primeiros fins da Liga de Auxílio aos Colonos em África é garantir-lhes trabalho livre remunerado com justiça, em locais saudáveis, durante pelo menos seis anos. Essa garantia permitirá que, no presente, ganhem o bastante para se sustentarem, e à família, para vestuário, habitação condigna, diversões — numa palavra, o que for necessário a uma elevação de nível de vida. Mais ainda: a Liga ajudará os seus sócios a tornarem-se imediatamente proprietários, em África, duma casa de habitação e duma gleba de terra, com a superfície de pelo menos 100.000 mil metros quadrados, e que seja uma garantia no futuro, uma defesa quando a doença, a velhice ou a morte lhes baterem à porta.

— Mas esse sistema de previdência seria admirável!

— Não merece admiração o que é possível! Admirável é que até agora, em nenhum país do mundo isso se tenha feito e haja tanta miséria, proveniente do desemprego ou de se não ganhar o suficiente. A mais sólida forma de previdência é aquela que o trabalhador dia a dia constrói, livremente, previdentemente, com as suas próprias mãos, resultante das suas economias, tornando-se proprietário do solo, como recomendou o grande papa Leão XIII, na famosa Encíclica RERUM NOVARUM. Não será assim?

— Concordamos inteiramente. Mas a verdade é que não será possível, entre nós, fazer todos os trabalhadores proprietários...

— Entre nós, é impossível, mas em Angola e Moçambique, já assim não sucede. Há ali terrenos, para muitas centenas de milhares de pessoas e que o Estado distribua.

— Necessário é conduzir para ali grandes capitais, para desbravar e cultivar as terras, para construir casas de habitação, para instalar indústrias, estabelecimentos comerciais, e formar grandes povoações. Ora a função da Liga de Auxílio aos Colonos em África é precisamente atrair esses capitais e fazê-los cooperar, com o trabalho de todos.

— Há então qualquer plano financeiro, destinado a ser executado pela Liga?

Continua na pág. 7

## OS MEUS AMIGOS

II

Em Trás-os-Montes, no meio daquela aridez feita de pedras e terra, a respirar aquele ar, ora abafado, ora de gelar, a conviver com aquela rudeza cheia de lealdade, dos homens e da Natureza — lá estava Ele, a sonhar, sentado num banco tóscico do seu quintal.

Era uma rocha e o pastor que lhe passava ao lado, um velho arado e o rebanho de cabras.

Dali extraía ternura. Não a ternura piégas e amaneirada, mas aquele sentimento arreigado e profundo que o ligava aos homens e ao Mundo; não a ternura académica, mas a ternura cósmica que só os espíritos mais elevados, como Ele, podem conceber, coada através da Razão e apoiada na Realidade.

Via o Homem e a sua Luta, o Homem e as suas necessidades. Sentia a sua Dor e adivinhava a sua Miséria...

E horrorisava-o a injustiça e sabia das suas causas.

Impotente... sonhava. Mas sentia-o e fazia-o saber.

Dali extraía ciência.

Agarrava num arado velho, cavava uns metros de terra — para buscar um teijolo — e percorria aqueles pedregulhos, ao mesmo tempo que se enternecia com

o vai-vem das abelhas junto ao favo.

E, depois, meditava.

Eram noites e dias a estudar, a pensar, a escrever.

Na sua frente, isto: uma lasca tósca de granito, um pedaço de bronze e a trágica história do Homem a subir, sangrando, a escadaria da Luz!

Foi há anos que falei com Ele. E calei-me.

Diante da grandeza só nos resta emudecer. Não de pasmo, mas sim de veneração.

Este é um dos meus amigos.

Recolhido no meio dos penedos e nas sombras do seu jardim, poucas vezes se atrevia aos ares pestilenciais da cidade.

Agora só nos resta a Saudade e a Alegria

A Saudade por não mais ouvirmos as suas palavras justas e firmes; a Alegria por sabermos que Alguém nos honrou com a sua existência e nos legou uma obra.

Dos seus cometimentos que o digam os entendidos, o apreciem os críticos e o condenem os patifes.

Que, para mim, o Abade de Baçal era um Homem de Trás-os-Montes, daqueles que dizem que para cá do Marão mandam os que cá estão.

P. M.

# Colégio de S. Luís

CURSO GERAL E COMPLEMENTAR DOS LICEUS  
E ADMISSÃO ÀS UNIVERSIDADES • INSTRUÇÃO  
PRIMÁRIA E CURSO COMERCIAL

Telefone 60 • ESPINHO • Apartado 8

## CAFÉ LUGIL

Completamente remodelado e  
ampliado com novas instalações

Os desportistas apreciam  
UM BOM CAFÉ no...

## CAFÉ GIL

AVENIDA OITO \* ESPINHO \* RUA 19-TEL. 306

CEREAIS \* MERCEARIAS \* AZEITES \* EXPORTADORES

# Cadinho & Couto

ARMAZENISTAS

RUA DEZOITO \* ESPINHO \* TELEFONE 52

A QUALQUER HORA BEBA

# CARVALHELHOS

AGENTE EM ESPINHO *A. Ribeiro*

ARMAZÉM DE VÍVERES E SABOARIA ATLANTICA

## DUARTE & C.<sup>A</sup>

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO:

(MERCEARIA PORTO)

Largo dos Aviadores, 104

Telefone 3771-GAIA

445, R. Bandeira Coelho, 451

Telefone 16

ESPINHO



## CASA SOUSA

LIVRARIA E PAPELARIA

J. MOREIRA DE SOUSA JÚNIOR

RUA DEZANOVE \* TELF. 99 \* ESPINHO

F E R R O E A Ç O

*A. Trindade, Sue.*

Depositário da

## LUSALITE

CAIXA POSTAL 4 • ESPINHO • TELEFONE 39

## METALÚRGICA DE ESPINHO

JOSÉ MARTINS ALVES JÚNIOR

MONTAGEM E REPARAÇÃO  
DE AUTOMÓVEIS

CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO  
DE TODAS AS MÁQUINAS

OFICINAS E GARAGEM-RUAS 37 e 22-ESPINHO-TELEFONE 338

# Colégio de N.ª S.ª da Conceição

PARA MENINAS

INTERNAS, SEMI-INTERNAS E EXTERNAS

TELEFONE 303 ~ ESPINHO

LANIFÍCIOS \* GABARDINES \* CAMISARIA \* CALÇADO

## CASA XABREGAS

CARLOS JERÓNIMO FERNANDES PEREIRA

Ruas 18-687 • ESPINHO • Telf. 341 (Cham.)

FATOS PRONTOS A VESTIR \* FACILIDADES DE PAGAMENTO



FARINHAS • CEREAIS • MERCEARIAS

# Baptista & Oliveiras

APARTADO 5 • TELEFONE 21 • ESPINHO

ELECTRICIDADE • MÁQUINAS

## A. VIZEU & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>

RUA 12 N.º 1243 ~ ESPINHO

FÁBRICA DE LOUÇA E TODOS OS ARTIGOS DE ALUMÍNIO

## A VIGOROSA

UMA MARCA QUE É UMA GARANTIA

DOMINGOS SOARES PEREIRA

APARTADO 14 ~ ESPINHO

VINHOS DE PASTO

# U.V.A U.V.A U.V.A U.V.A U.V.A

FÁBRICA DE VINAGRE E AGUARDENTE VÍNICA

PORTO + GAIA + RÉGUA + ESPINHO + TORRES VEDRAS

## SOLCRIS

...É UM ESTORE

## Como perder o medo DE VOAR

Continuado da pág. 2

diatamente o pino e incite os outros passageiros a fazer o mesmo. A deslocação do centro de gravidade dos pés para a cabeça trará ao avião um alívio de cerca de 3 quintos do peso total, o que pode influenciar notavelmente a reacquirição da sua estabilidade.

3—2.000 metros—Procure na biblioteca de bordo um exemplar do folheto ilustrado «A arte de cair de paraquedas em três lições». (Bem sei que estes aviões modernos, para não sugestionarem os seus ocupantes com a perspectiva de um acidente, não possuem paraquedas, mas, pelo menos, você saberia como fazer se tivesse um—e já lá diz o nosso povo: o saber não ocupa lugar.)

4—1.000 metros—evitai o pânico. Primeiro as mulheres e as crianças.

5—750 metros—não matar.

6—Honrar pai e mãe.

7—500 metros—garde um minuto de silêncio à memória de Dumont, dos irmãos Wreight e tantos outros pioneiros.

8—100 metros—pense, pense muito. Pense na quadratura do círculo e no problema do motu-contínuo.

Dizem que a aceleração da gravidade excita a inteligência e o sr. ainda poderá ser famoso, mesmo depois de morto.

Pense também no que poderia ter sido (presidente, ministro, etc.) e não foi.

9—50 metros—aproveite o momento para pedir namoro àquela belezinha da última poltrona (há sempre uma passageira nestas condições). Talvez que na confusão ela nem repare na sua cara.

Vamos supôr agora que o avião caíu no mar (única hipótese do senhor ter escapado do choque com vida).

Se o mar não tem tubarões agarre-se a um destroço do aparelho e espere que o salvem. (Parabéns!!!)

Ora essa, não tem nada que agradecer... eu para os amigos sou assim.

Se o mar tem tubarões vou dar-lhe os últimos conselhos. Coloque-se de tal maneira que fique com a cabeça voltada para o lado oposto donde o tubarão surgir. Assim, pelo menos, conseguirá que sejam as suas pernas a primeira parte a ser comida e o sr. ainda poderá ter uns segundos a mais de vida. Quando ele lhe tiver comido a 1.ª perna, não se desorientar. Lembre-se que milhões de seres conseguem hoje viver e andar, com auxílio de uma perna mecânica. E quando ele lhe tiver comido as duas pernas, continue a não se atrapalhar. Mesmo com duas pernas mecânicas há milhares de seres. Quando os braços tiverem desaparecido, também não é motivo para deitar as mãos à cabeça. Será que nunca ouviu falar no homem-tronco?

Mas quando ele lhe tiver comido as pernas, depois os braços

## PROBLEMAS DA ACADÉMICA PROBLEMAS DE ESPINHO

Continuado da pág. 1

só no que se refere a livros a situação era desoladora. A sua instalação, mesmo a primitiva, era demasiadamente deficiente para se poder levar a sério. Daí que não tivesse chegado a aparecer quem com entusiasmo se entregasse à sua organização.

Valerá a pena insistir adoptando o mesmo sistema? Coleccionar o refugio das bibliotecas dos nossos «benfeitores»? Acomodar livros e leitores na parte da casa que sobra, à espera de melhores dias? Evidentemente que não. Estas questões tem que ser tratadas ao menos com decência. Ou se faz trabalho sério e proveitoso ou, então, se isso é materialmente impossível, não se incorra no erro de quedar em caricaturas.

Eu devo dizer o que entendo por uma boa biblioteca—no caso particular da Associação Académica—e porque me parece que ela seria de grande utilidade. Não se esqueça de que se trata de uma colectividade de gente nova que é necessário atrair à discussão de outros assuntos que não apenas os desportivos. E não se pense que é com programas de intensa actividade cultural que tal se conseguirá. Não há ambiente para esses programas e enquanto ele não for criado sempre se fracassará. A mocidade de agora é refractária às coisas do espírito, por isso se torna difícil enfrentar estas questões. No entanto, talvez se pudesse tentar um caminho porventura mais seguro. Para tanto se formaria então uma biblioteca, algo diferente das outras bibliotecas, e que servisse ao objectivo visado. Salas amplas, conforto, razoável isolamento, muitos e bons livros, boas revistas. Nada de ambiente pesado. Nem, evidentemente, excesso de à vontade. Onde se possa ler e conversar, lugar para onde convirjam insensivelmente todos os que visitam a sede. Lugar acen-tuadamente mais confortável do que as salas de jogo. Onde se en-

contrem livros para todos, dos mais novos aos mais velhos, dos menos cultos aos mais cultos... Mas principalmente livros que interessem à formação cultural ou profissional de cada um. Revistas técnicas e literárias. E com a vantagem de se possuir um órgão—o «Rumo»—sempre pronto a acolher todos os ensaios, todos os trabalhos de iniciados e experientes. Eu bem sei que os primeiros assuntos a ser discutidos nessa biblioteca não teriam qualquer afinidade com o ambiente. E talvez se fizesse demorar a transigência desses jovens em tratar de coisas mais sérias, previamente tidas como enfadonhas. Mas estou convencido de que alguma coisa se conseguiria no sentido de se sair desta letargia mental bem característica da geração actual.

Disse, de entrada, que me acusariam de perder o meu tempo com fantasias. Principalmente, porque uma boa casa e uma bem provida biblioteca não cabem nas exíguas possibilidades financeiras da Associação Académica. Por esse lado não merece a pena realmente alimentar ilusões. Mas eu ousou encarar a questão doutra maneira e estou em crer que encontrarei ao menos compreensão e boa vontade.

Se nos reportamos à cultura física da juventude do nosso país, verificamos que, cada vez mais intensamente, o Estado vem colaborando na orientação e desenvolvimento de todas as actividades desportivas. Como natural complemento dessa conduta, vemos que os Municípios têm vindo a construir Estádios que depois entregam às agremiações desportivas da sua terra. Honra seja feita a quem proporciona à mocidade dos meios necessários ao seu revigoramento físico. Mas, assim como aplaudimos essas iniciativas tão justas e de efeitos tão salutares, justo é que coloquemos em paridade, pelo menos, os problemas respeitantes ao desenvolvimento intelectual. Creio que ninguém discordará desta maneira de ver. Assim sendo, por que não esperar também a indispensável colaboração das entidades oficiais para a solução dos problemas que mais devem interessar à Associação Académica? E não é verdade que nenhuma outra agremiação ou instituição está actualmente habilitada a enfrentar esses problemas que afinal não são apenas da Académica mas também de Espinho?

Admito que a solução por mim apresentada não seja a melhor, mas já não é de admitir que se não procure a solução ideal por se não acreditar na eficiente colaboração de quem está à frente dos destinos da terra em virtude de se considerar de somenos o motivo para tão grande despeza!

Manuel Baptista

## UMA IDEIA em marcha

Continuado da pág. 5

—Sim! Há um plano social, económico e colonial, denominado Plano L. A. C. A., e a Liga será apenas um instrumento dócil desse plano...

—E quais são as suas características?

—E', de certo modo, um plano de financiamento do consumo. Todos os economistas reconhecem como verdade indiscutível, que, como outrora foi necessário financiar a produção, é hoje necessário financiar o consumo. O Plano Marshall é o plano dum financiamento de consumo da Europa, feito pelos E. Unidos da América do Norte. Mas vai um pouco mais longe... Estabelece a cooperação nacional dos produtores e dos consumidores, para conseguir o povoamento rápido e intensivo de zonas territoriais, onde isso é possível, em Angola e Moçambique...

—E tem a Liga de Auxílio aos Colonos em Africa assegurados esses grandes capitais necessários ao povoamento?

—Desde que o Estado lhe conceda as facilidades que prometeu em vários despachos ministeriais, o concurso dos capitais necessários pode dizer-se assegurado.

—De que maneira?

—Hoje é impossível dizer-lhe mais alguma coisa. Será melhor fazermos isto por partes. A explanação teria de ser um pouco mais demorada. Lembre-se que, para a fazer, foi preciso escrever um livro... Hoje não há mais tempo; esperam-me serviços inadiáveis, no Tribunal.

—Desculpe, Snr. Dr.; queríamos apenas fazer-lhe uma pergunta sobre esse livro que sabemos estar à venda nas livrarias de Lisboa e do Porto...

—Não tenho mais tempo. O livro intitula-se «SOLUÇÃO DUM PROBLEMA COLONIAL, pelo Plano L. A. C. A.» Fui obrigado a escreve-lo, sacrificando as últimas férias, a fim de convencer os incrédulos de «verdades que são como punhos»... e de pôr a questão «em pratos limpos».

Estava terminada a primeira parte dum diálogo que interessa a todos os leitores do «Rumo» e à NAÇÃO. No próximo número continuaremos.



FÁBRICA MODERNA DE  
CARPINTARIA E MARCENARIA

DE

José Augusto da S. Quintas

TELEFONE 59 • ESPINHO

e por último o tronco, então o sr. não estará mais em condições de lamentar a sua sorte.

Pois não é certo que, hoje em dia, o que mais se vê são «cabeças no ar»?...



# BATUQUE NO MAÇONJE

UM CONTO por Manuel Guilherme

Entardecera, na Chela!

Tinha sido linda e quente aquela tarde de Janeiro e eu chegara um tanto cansado à fazenda do Maçonje, lá em baixo, ao fundo do magestoso e impenetrável barranco do Bimbe!

Por ali, de roda, os imbondeiros selváticos erguiam, em preces mudas, os braços alongados ao céu. Um ou outro olongue assustadiço fugia por entre a vegetação baixa e abundante. Os galos do mato, multicores, esvoaçavam daqui para ali, dali para acolá. As folhas secas atapetavam o caminho e amaciavam-no. Um riacho, vindo da serra, descia apressado, serpenteante, embatia nuns pedregulhos, recuava, redemoinhava, adquiria mais força, dessedentava velhos troncos, retemperava raízes quase mortas, empocava-se mais além, e, já grande, já rio, na pujança da maioridade, fragmentava-se, dividia-se, corria em dois braços mais estreitos que fugiam um do outro, ciumentos, cada um procurando ser maior e ser mais belo. Mas a terra era quente, chupadiça, pedregosa, e os braços então enfraquecidos pareciam sumir-se. E fôra curta, assim, a carreira da separação. A necessidade reuniu os desavindos. Tornaram a encontrar-se, num grande âplexo, gorgolejaram hossanas, rendilharam poemas brancos de espuma densa que o fraco vento não dispersava, e lá foram, num só, cumprindo o seu destino, adoçando a selva adusta, refrigerando bocas, alimentando peixes, cantando, cantando sempre, dia e noite, noite e dia, a caminho do deserto que havia de engulir aquelas águas atrevidas que ousavam devassá-lo e ultrapassá-lo!

E a noite vinha, de mansinho, sussurrante, reinar o seu reinado. Subia no céu infinito, crescendo, a lua cheia. As sombras dos imbondeiros mais pareciam fantasmas mortos, abatidos pelos golpes do luar. Aqui, além, mais longe, despontavam fogueiras enrubescentes. Vinham da selva densa sons magestosos, dominadores, sensuaes. E a lua testemunhava, magnificamente muda, os dramas do mato. Começava rodando, na indesgastável roda da vida, mais uma noite africana!

A dois passos, junto da anhara, havia nessa noite um batuque singular...

Apesar de cansado, não me dei-tei cedo. E como um batuque no mato é coisa sempre digna de ver-se, rodeei a anhara e fiquei ali, encostado, vendo e ouvindo aquele festim ruidoso, cadenciado, perturbador!...

Maria, a moléca negra, soberba de formas, ativa, coleante, rija, de longos olhos profundos e aveludados, começara a dançar. O círculo formado por aquela gentilha ululante tornara-se maior. Maria, a negra, queria mais espaço, o espaço todo. Ficou só. Dominadora! Os negros batiam palmas em ritmada cadência e os olhos de todos dardejavam

línguas de fogo. Maria chegava-se, fugia, revolteava, acariciava, num desafio, os seios ressuados, e as suas mãos esguias pareciam modelar uma estátua no seu próprio corpo quase nú! Ia e vinha, agachava-se, como a onça manhosa, pulava num ímpeto, tocava de fugida este e aquele, transtornava, impunha-se, e era sempre ela, infatigável, agora altiva, logo a seguir submissa, sorrindo, sorrindo sempre, desenhando no espaço com os braços magníficos um quadro luxuriante, da mais irresistível tentação!

Tan-tan... tarantan... tan-tan... E o batuque continuava. Mas a negra terminara a sua dança de amor. E viera, devagar, muito devagar, magestosa, mas triste, até junto de mim...

Disse-lhe algumas palavras. Chicotadas de luar golpeavam-lhe, de alto a baixo, o corpo todo!

Estremeceu. Endireitou-se mais. Lágrimas enormes rolaram dos seus olhos meigos e uma a uma caíam, como a chuva rara, nos seios magníficos ainda banhados de suor...

E pôde ciciar, ofegante: — «Patrão... se o patrão jura mesmo... vir embora o meu noivo... o meu noivo que anda na pesca... há tanto tempo... tanto tempo...»

Dominaram-me, as lágrimas da amorosa negra. E num ímpeto, bradei-lhe: — «Prometo! Em breve terás o teu noivo aqui ao teu lado!»

Olhei-a uma vez mais, a última vez. Estava linda! Os olhos muito abertos, como para que as lágrimas, mais intensas, pudessem cair melhor. O calor da sua boca caiu sobre as minhas mãos, escaldando-as. Afastei-a, docemente. E ao chegar à porta de casa ouvia ainda os seus soluços e sentia na cabeça uma ardência estranha!...

Não dormi. Lá fôra, sempre vivo, o tan-tan prosseguia. Através dos vidros da janela o luar vinha sempre, não queria abandonar-me naquela noite sem fim!

Fugi, mal despontava o sol. Dei um último olhar à anhara onde havia uma fogueira quase extinta. Já na carrinha, segui por momentos o riacho pressuroso. Fugi sempre. Numa galopada doida, à procura do deserto, para o vencer dum golpe, para atingir o mar!...

Cumpri a promessa. *Repatriei* o negro.

Às vezes, junto do mar, enquanto as gaivotinas picavam sobre os peixitos descuidados e indefesos e as águas encobriam a areia lodacenta, eu ficava-me a olhar a imensidade, o azul do céu. E — sensação tormentosa dos sentidos — parecia-me ouvir, vinda de muito longe, das bandas do deserto, uma canção dolorosa e suave, misturada com os sons inconfundíveis dum batuque!

Quem sabe se áquela hora, pela Chela, no Maçonje, sobre a mesma anhara, não se realizariam as festas nupciais da mais perturbante e bela das negras daquele sertão!

EM DOIS TRAÇOS...

# Mark Twain

Seu verdadeiro nome foi Samuel Langhorne Clemens.

Nascido em 1835 numa miserável casa de Flórida, Mississipi, cedo começou a mostrar gosto pelas aventuras que haviam de caracterizar os setenta e cinco anos em que viveu.

A escola foi o terror de Mark Twain. Nunca pôde suportar aquelas quatro paredes que lhe roubavam a liberdade, que o privavam do seu Mississipi em que esteve prestes a afundar-se em nove ocasiões diferentes.

Deixou aos doze anos a escola. E aqueles tão poucos anos de escola não o impediram de, mais tarde, receber as mais altas honrarias das Universidades de Oxford e Yale.

Em 1853 deixou a sua aldeola. Fez-se, sucessivamente, tipógrafo, piloto dos barcos que sulcam o traçoeiro Mississipi, e mineiro.

Escreveu vinte e três livros. Alguns deles estão já esquecidos. Dois deles, porém, — «As aventuras de Huckleberry» e «As Aventuras de Tom Sawyer» — jamais o serão.

Mark Twain pode ser considerado, dentro da sua época, como um dos mais brilhantes escritores e um dos mais tansos homens de negócios.

Desde comércio de cacau até companhias de publicidade, foi um nunca acabar de perder dinheiro.

Um dia encontra um jovem inventor chamado Alexander Graham Bell que o convida a investir uma certa importância numa nova invenção a que tinha dado o nome de telefone — invenção tão maravilhosa que permitia a qualquer pessoa conversar com outra colocada à distância de

cinco quarteirões — por meio de um fio.

A resposta de Mark Twain foi uma gargalhada.

Tolo podia ele ser, agora idiota é que ele não era. Duas pessoas colocadas à distância de cinco quarteirões, a ouvirem-se, e por intermédio de um fio. Se tinha algum jeito!

E o dinheiro que podia ter investido naquele maravilhoso invento foi-o emprestar a um amigo que abriu falência três dias depois.

Com cinquenta e oito anos estava com dívidas até aos cabelos.

Pagou-as todas, porém, graças ao muito que escreveu e à série de conferências que fez à volta do mundo.

Mark Twain foi tão infeliz em negócios como feliz no amor.

Antes de conhecer a mulher com quem havia de casar e viver feliz durante vinte e quatro anos, apaixonou-se pela sua fotografia.

Meses mais tarde encontra em Nova York Olivia Langdon, a sua amada.

Convidado a visitá-la em casa de seu pai, valeu-se dum estratégia para prolongar por mais alguns dias o prazer de sentir a amada a seu lado.

Despede-se dos seus amigos e mete-se na carruagem dos seus hospedeiros, não sem antes ter procedido a uma certa operação no assento da rectaguarda da carruagem.

Estalido do chicote do cocheiro, investidas dos cavalos, um assento que se vira, e Mark Twain estendido no chão (como era o seu desejo), olhos fechados, aparentemente meio morto.

Durante duas semanas guar-

Continua na pág. 2

## Dia cinzento

(Ao Mestre Joaquim Lopes)

Dia cinzento!... Um dia de morrer!...  
Não sei que sinto em mim... não sei que quero!...  
— Um dia assim, tão deprimente e austero,  
Melhor seria não amanhecer!

Busco, ao acaso, livros para ler.  
«Charneca em Flor»... «Comigo»... «Santo Antero»...  
«O Bem e o Mal»... — Meu Deus! Só desespero,  
Tragédias, volúpia de sofrer!...

De cinzas a minha alma se reveste!  
Não leio mais. — Porém, a «Flor Agreste»,  
Tão linda em seus contornos delicados,

Grita-me um nome! — Ó céus!... Que estranho dia  
Que só me arrasta para a companhia  
Dos infinitamente desgraçados!...

Carlos de Moraes

Soneto inédito do livro «CHÃO MOVEDIÇO»,  
a sair brevemente.